

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Tahaba — Lisboa* — Telefone 7
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Origem do mal

Sempre que os ricos e poderosos e os seus lacaios falam da castidade da vida, fazem-no para atribuir a responsabilidade dela aos pobres, aos que trabalham, por quem, dizem, as exigências de aumento de salário e as greves são provocadas a subida do custo de vida e a escassez dos produtos.

A ganância dos donos da fábrica, da indústria, da finança e do comércio, que fazem com que a produção e o consumo se efectuem por conta-gotas, conforme os seus lacerantes interesses, chegando ao criminoso assombração dos géneros e deixando-os muitas vezes inutilizáveis só para não terem quem vendê-los mais barato, isso então é que não constitui uma das mais poderosas causas da carestia.

Os operários, que não estão de posse de coisa alguma da riqueza social e que se limitam, com mais ou menos servilismo, a executar os ordens dos patrões, além de todos os sofrimentos e explorações a que estão sujeitos, ainda por cima são apontados como autores dum crime de que outros, os capitalistas e os políticos, são os únicos responsáveis, pois que são estes os que dirigem a sociedade em benefício quasi exclusivo da sua classe, que vive faustosamente, enquanto os trabalhadores arrastam uma vida de miséria, que se manifesta até nos seus momentos de alegria, a qual nunca é tão intensa e elevada como seria se as suas condições sociais e económicas fossem bem diferentes daquelas em que hoje se dá a vida.

Todos aqueles que não se roem aos pés das forças vivas e os senhores do poder, sabem que a infâmia se aborça sob as mãos feitas ao proletariado para que o explorem e tiranizem, por isso as diatribes venenosas dos burgueses e dos seus criados, perdem no vácuo, não encontrando uma consciência sã que lhes dê acolhimento, só se impondo pela força das espingardas e das metralhadoras, que também seu tempo se lhes hão de escapar das mãos para servir a causa da liberdade e da justiça.

E isto que afirmamos e que poderá parecer a alguns uma fanfarronada, é simplesmente o resultado da análise da situação que as ambições da burguesia criam, pois os sintomas de revolta não se fazem sentir só entre a massa trabalhadora, operária propriamente dita. O desespero já se encontra nas classes médias e aquelas que desempenham o triste papel de defender pelas armas os interesses dos que roubam ao povo, pois os grandes senhores votam a umas e outros o mesmo desprezo que lhes merecem aqueles que empunham uma arma, que exercem uma profissão considerada inferior pelos mesmos inimigos do trabalho.

É o cinismo dos potentados que levou a um ponto que já nem podemos chamar de indignação, mas de desdém, a indignação do povo faminto e escarnecido, e outra coisa não é o que actualmente se está passando com o agravamento do custo da vida, posto que desde o preço do pão até ao dos outros géneros, as tabelas desapareceram, o aumento efectuado toma o aspecto de uma verdadeira extorsão, dum roubo flagrante, uma vez que continua ainda mais a fome a população do país, que não ganha o suficiente para poder adquirir os alimentos por tais preços.

Nas se a massa operária, acuada por estas novas dificuldades de viver, se lançar em movimentos reivindicativos de aumento de salário, logo os raios do sorriso dos especuladores começarão a brilhar sobre os seus rostos, e os trabalhadores, repetindo estupidamente as bobagens dos seus senhores, que os tratam, por via de regra, a pontapés, vindo a público com o estafado e mentiroso estúpido de que as greves operárias são que fazem com que a vida seja mais difícil.

Esta afirmação tem assentado sobre uma base falsa, mas no momento a sua falsidade é tão mais palpável. Não se tem

NOTAS & COMENTÁRIOS

Aix-les-Bains — O sr. Jorge de Sant'Anna escreveu sobre a conferência de Aix-les-Bains, da qual — diz — saiu triunfante o génio latino. Borda a propósito considerações contraditórias, das quais se depreende que a salvação da Europa, e principalmente dos países latinos, se deve àquele conferência. E como parece que o sr. Sant'Anna embaraça a Inglaterra, vá de atribuir à mesma conferência, que inutilizou os apêditos sangrentos de Moscú, o desmembramento do império britânico. Admiráveis conhecimentos sociológicos!

Consta... — Diz-se que o decreto do pão vai ser modificado. Para melhor? Evidentemente que não. O que corre é mais ou menos isto, e não é nada de agradável: o pão de segunda passará a ser vendido a 600 o quilo e o de primeira baixará para 1200. Para quê? Para favorecer os ricos, já se deia ver, que são os únicos que podem chegar ao de primeira. Quantos aos pobres, se o não podem comprar a 1200, de nada lhes serve que o preço desça para 1200. Quasi tanta dificuldade tem o pobre em comprar o pão a 1200 como a 1200. Portanto, o aumento que sofrer o pão de segunda só virá agravar mais a situação, que já é má. Impossibilitado o trabalhador de comprar pão fino, quer a 1200, quer a 1200, só ele ficará lesado com a modificação porque só irá pagar um aumento de 20 no seu pão.

A esta hora esfregam os ricos as mãos de contentes!...

Há de ir... — Ontem, quando quem rabisca estas linhas desca a rua do Mundo, duas raparigas, cada uma com a sua bilha, conversavam a respeito da falta de água. Deprimiam-se pelo seu traje e pelo ar comprometido com que tentavam ocultar as bilhas debaixo do braço, que não estavam habituadas a semelhante frete. E tanto assim que se lamentavam:

— Ao que nós chegamos! Mandam-nos para toda a parte: para as bichas do carvão, do açúcar, do azeite e agora até para a bicha da água!

Pensamos não então, em complemento a tais queixas:

— Ainda não de mandar o povo a qualquer parte com dois pausinhos, e ele há de ir resignadamente...

A guerra social

Os bolchevistas desenvolvem uma grande ofensiva na Polónia — o general Wrangel completamente derrotado?

LONDRES, 15. — Telegramas recebidos em Paris e Berlim vindos de Moscú noticiam que se desenvolveu a ofensiva bolchevista sobre toda a frente desde o Sudoeste de Grodno no norte até ao oriente de Lemberg no Sul. O comunicado bolchevista recebido hoje em Londres embora não mencione uma nova ofensiva muito significativamente nomeia progressos ao sul de Grodno e batalhas em Brest-Litovsk no este do Bug e na região de Lemberg. O último comunicado polaco datado de domingo diz que a situação permanece a mesma em toda a frente.

Tem-se recebido informações contraditórias acerca das forças do general Wrangel. Berlim diz de acordo com informações oficiais recebidas de Moscú que os bolchevistas destruíram o exército de Wrangel. Por outro lado um telegrama de Constantinopla recebido em Paris diz que longe de serem derrotadas as tropas de Wrangel derrotaram duas divisões vermelhas tendo feito seis mil prisioneiros. Um comunicado oficial de Wrangel diz por seu turno que em 7 de Setembro as suas tropas sofreram reveses. — *Rádio.*

No Oriente as tropas vermelhas avançam sobre o Afeganistão

LONDRES, 15. — Dizem de Calcutá que se confirma que as tropas bolchevistas que entraram em Bokhara avançam na direcção do Afeganistão. As tropas afegãs foram enviadas para apoiar o general Golan, comandante militar do Turquestão e do Afeganistão. — *Rádio.*

Ferrovieiros do Estado

A comissão delegada do pessoal de tracção dos caminhos de ferro do Minho e Douro, foi ontem recebida pelo sr. ministro do comércio a quem apresentou as reclamações da classe sobre a melhoria de situação. Também uma comissão de ferroviários do Sul e Sueste procurou para idêntico fim o sr. Velhinho Correia.

O SINDICALISMO EM ESPANHA

Ante os principais problemas

Numa entrevista pedida por um redactor do diário madrileño La Voz, Salvador Seguí, um dos mais activos elementos sindicalistas espanhóis e ex-secretário geral do C. G. T., disse sobre a posição do sindicalismo ante os principais problemas de Espanha. Transcrevemos essa entrevista, por a julgarmos interessante por muitos títulos, com o enunciado posto pelo referido redactor do jornal espanhol.

Efeitos reais produzidos na organização sindical pela legalidade dos sindicatos operários

— Pois como se previu — começou Seguí — aquela disposição, ou antes, aquela resolução dos poderes públicos teve a virtude de desquitar as nossas organizações da esfera das responsabilidades jurídicas em que viviam, amparadas numa legalidade que, se por um lado lhes concedia direitos, por outro impunha-lhes deveres. Porém, desde que fomos colocados à margem da legalidade, puzeram-nos fora dos direitos das gentes. A situação clandestina das nossas organizações era parte obrigada, porque o seu arregaçamento a essa acção era profundo, pois que sendo para a classe proletária uma necessidade da vida não basta o capricho de um ditador ou de um grupo de ditadores para malbaratar uma organização. O que resultou daí é que as responsabilidades que se contraem com a opinião pública numa atitude franca, digna e transparente, perdem-se quando se nos obriga a viver no regime como o actual, de obscuridade e de sombras feio.

— Seria loucura sustentá-lo, ou intencionalmente negar que não causou quebrantos no sindicalismo catalão esta acinosa perseguição do governo; mas a grande massa sindicalista, o grande aglomerado operário organizado, viu, ante a injustificada perseguição, a justificação de toda a classe de procedimentos para a defesa própria e, nas massas, tomaram vulto as mais absurdas aberrações.

— Na luta travada a única solução de paz seria o sincero respeito ao direito de associação que hoje é uma burla. Creia que me causa profundo pesar a ideia de que, nos tempos que correm, se haja de discutir em qualquer país civilizado o conceito do direito colectivo.

Extensão do sindicalismo em Espanha

— Nas cifras que exponho é muito possível que alguém veja nelas exageros partidários. Asseguro-lhe que correspondem à mais rigorosa e absoluta realidade. O sindicalismo ganha prosélitos em todo o mundo, por dias, por horas e por momentos. Espanha não podia subtrair-se a esta invasão das ideias.

— Catalunha conta com mais de 500.000 sindicalistas, perfeitamente organizados; passam de 50.000 os que há em Aragão; na Andaluzia cifram-se em 160.000; no Levante, a força numérica do sindicalismo é de 180.000 homens; Galiza conta de 50 a 55.000 sindicalistas; Astúrias tem núcleos importantes, como La Felguera e outros, pois só em Gijón há de 13 a 15.000 filiados; de Biscaya não posso dar números concretos, podendo no entanto afirmar-lhe que a força sindical é importantíssima; Castela também começa a sentir o sindicalismo, mas, até agora, os seus prosélitos estão em menor proporção que nas outras regiões e na Extremadura, como não se tem feito propaganda, não há organização.

— Desenvolve-se o sindicalismo entre os camponeses?

— Imenso. Estão organizados os trabalhadores rurais da Catalunha, e bem dispostos para acometer a organização na Andaluzia.

— Contais muitos intelectuais no vosso partido?

— Não faltam; porém, não é este o período mais propício para a sua incorporação. Estamos na preparação de uma coincidência e temos confiança de que acudirão ao nosso chamado, porque advertimos já a sua aproximação espiritual. Tem um grande labor a emprender. Eles próprios, alguns sem ter-se dado conta, entram para o caminho da nossa organização, constituindo sindicatos que são em alguns casos, os verdadeiros reflexos da nossa acção. Claro que há diferenças essenciais entre os seus sistemas e os nossos, mas, numa necessária evolução de ambos, podem chegar-se e chegar-se há a uma coincidência.

— Não mais que os socialistas, não entramos ainda na fase construtiva. Estamos na captação da organização por quadros profissionais. Somos o embrião político duma futura constituição dirigente (emprego a palavra *a-político* e não a de *político*, evitando deste modo confusões, filhas do conceito vulgar do vocábulo). Aceitamos a definição aristotélica, mas não a organização burguesa.

supressão do jurado, sob o ponto de vista operário

Como trabalhador, não nos prejudicou este atentado contra a justiça. Lastimamo-lo como cidadãos e como liberais.

— Causa-nos profunda dor ver que os nossos consideramos — como cidadãos de terceira classe, apartados — da justiça comum. Mas, a disposição ministerial que comentamos é, no seu fundo, uma coacção inqualificável ao Poder Judicial, ao qual se pretende dar patente para proceder injustamente contra uma classe declarada fora do direito comum. E, em resumo, a medida será ineficaz.

— Claríssimo, sem dúvida, sem vacilações e sem reservas mentais de género algum, declaro que o sindicalismo e os latentes sociais são coisas distintas, absolutamente separadas, e alheias uma à outra.

OBRA DE INIMIGOS

AS MANOBRAS DA MOAGEM

Há dias apareceram aí pelas paredes uns papelinhos, — que certamente devem ser considerados subversivos, pelas forças vivas — fazendo umas perguntas algo significativas ao jornal *O Século*. Tratava-se da questão do pão. Nos papelinhos indiscretos pergunta-se porque razão o grande rotativo abandonava, assim, num momento tão crítico, uma campanha que tantos aplausos mereceu daqueles que ignoravam o que a movia.

Efectivamente nunca a questão do pão foi tão grave, tão contrária ao que *O Século* preconizava. Quando *O Século* defendia o tipo único de pão e exclamava: «Dois tipos de pão! Isso vem mal», o povo, apesar de descontente, não manifestava ainda duma maneira tão enérgica, como agora, a sua repulsa pelas manobras da Moagem. E precisamente neste momento em que todo o povo se revoltava que *O Século* se cala, ou melhor, suja o papel com uma prosa incolor, porque seria descaradamente demastado, numa ocasião em que as suas campanhas ainda estão na memória de todos, dizer o contrário do que há meses com tanta energia defendeu.

O povo notou a nova atitude do *O Século*, a transigência do grande defensor das classes pobres com os inimigos destas e, por esse motivo, achou justas as perguntas feitas nos tais impressos.

Veja agora o povo como os seus amigos desinteressados.

Que contraste flagrante é a actual atitude do *O Século* com aqueles artigos sentimentais que o sr. Silva Graça escreveu a propósito da traição dum filho ingrato que se vendera à Moagem para lhe sujar o nome honrado.

O grande inimigo da Moagem, o jornal desinteressado que, para reforçar as suas campanhas, transcrevia da *Batalha* trechos plenos de indignação, sincera indignação de quem não se vende, está agora quasi na muda...

E' bem certo que os lobos não se co-

nha à recta aplicação do novo preceito, para que se esterilize, para que fique convertidos em letra morta.

Se aqui não se respeita o pensamento, como vai entrar o Estado em outras actividades mais completas?

— Nos povos em que o Estado tem o verdadeiro conceito do intervencionismo, as lutas sociais são menos crues. Não queremos surpreender ninguém.

O nosso conceito do comunismo levava-nos há a uma transformação profunda da sociedade; mas em Espanha podia aceitar-se como trégua na luta o que se aceita em outros países. O que é essencial para nós é sairmos da situação actual em que nos colocaram.

— Vivemos num regime de inferioridade evidente em relação aos trabalhadores dos outros países, os quais, no pacto tácito estabelecido com o regime burguês, tem cedido algo no índice das suas aspirações; porém a tróca de positivos benefícios de carácter material e moral. Esse pacto levou-os a uma maior cultura e a um maior bem-estar dos que existem entre nós. Sentimos verdadeiro alarme e fundamos no ver que a nossa produção, que pode ser igual e melhor que a de muitos países, está condenada a uma aparência de inferioridade. A produção espanhola, no entanto, não tem a capacidade de produção estrangeira e supera quasi todas.

O operário sente o orgulho do aperfeiçoamento da sua condição e aqui não se estimula essa virtude, tanto para não dar importância à nossa classe, como pela idolatria e ao arcaico conceito industrial dos nossos patrões, em muitos casos, à renovação mecânica e do sistema do trabalho.

— É preciso, também terminar, duma vez para sempre, com esse outro conceito, contrário a todas as leis biológicas, da menida superioridade capitalista. Os proletários de todo o mundo, ainda que lhes falte a cultura, tem uma capacidade intelectual superior à dos seus exploradores.

Fé no futuro

— Tenho fé cega no futuro. Pondo de lado os incidentes da luta, façam o que queiram os nossos inimigos, triunfem e cheguemos ao fim sorridentes.

Um intervencionismo verdadeiro faz as lutas sociais menos crues; mas em Espanha falta a preparação espiritual.

— Uma lei discreta, reguladora do contrato de trabalho, a sindicalização de patrões e operários, os conselhos arbitrais e a pública intervenção na contabilidade comercial e fabril, podiam ser soluções para uma paz social estável? — pergunta o redactor de *La Voz*.

— A tendência — responde Salvador Seguí, sorrindo após uma breve pausa — de todos os Estados modernos vai encaminhada para ampliar o seu intervencionismo na vida produtiva das respectivas nacionalidades, e só assim, dando uma sensação do sentido de justiça, de equidade, se poderá chegar às proximidades dessa paz que v. apetece e que nós anelamos.

— Mas entre nós não há preparação espiritual para tal. Cada vez que os legisladores, acossados pelas necessidades de resolver o conflito, tem dado uma dessas leis a que compositamente chamam leis protectoras dos trabalhadores, tem-lhes fallado a fé na reforma, a segurança da sua eficácia, porque lhes falta igualmente o convencimento da justiça que as inspirava. As leis não tem sido obra da justiça, antes aparentes concessões feitas aos que, de momento, as impõem pela força da sua organização ou das circunstâncias em que empregavam a que tinham; mas, por isso mesmo, tem bastado que um grupo de patrões ou de burocratas se opo-

— Da União das Juventudes Sindicalistas recebemos, sobre a proibição da assembleia, uma comunicação em que se protesta contra tal atitude, pois demonstra que as violências e arbitrariedades contra as Juventudes Sindicalistas vão ser reeditadas, fazendo sentir que elas continuarão reunindo a despeito da proibição das autoridades.

O cólera asiático

BERLIM, 15. — Segundo uma informação de Riga, nesta cidade registaram-se cinquenta casos de cólera asiático. — *Rádio.*

Manifestações a realizar

Manipuladores de borracha

Reúne hoje, pelas 19 e meia horas, para com a assistência de delegados da U. S. O. tratar do aumento sempre crescente do custo da vida, e muito principalmente do decreto que cria os dois tipos de pão.

Pede-se a comparencia do maior número possível de operários desta indústria.

Na provincia e arredores

Em Aljstrel

Por causa de elevarem o preço da farinha, os mineiros e rurais estiveram em greve

ALJUSTREL, 10. — C. — Os operários mineiros e rurais, em virtude do preço da farinha subir de 24 para 34 o quilo, declararam-se o mês passado em greve, que durou 9 dias.

Apesar da atitude destas classes, não foi possível modificar o preço, por que o administrador do concelho diz não ter a força suficiente para chamar os lavradores a uma reunião para tratar de assunto tão momentoso. Outras entidades se tem esforçado por que a vida continue cada vez peor, reduzindo o povo à miséria, não lhe passando pela mente que esse mesmo povo não poderá resistir à fome a que está condenada, enquanto os exploradores arrebatam de fortuna, e mala é esta ira se não tomarem por outro caminho, pois que os seus processos podem muito bem levar a população a actos que bastante lhe repugnam.

A farinha ficou nos 340 centavos o quilo e o povo não a pode pagar por um preço tão alto. Sejam um pouco mais moderados nas suas exigências, por que a fome é má conselheira.

A Inglaterra e a Rússia

Lloyd George zanga-se com Kamenef — *O "Daily News"* acusado de receber «ouro» bolchevista... e o mais que se verá

LONDRES, 15. — A imprensa dá detalhes da entrevista que durou três horas entre Kamenef e Lloyd George, antes da saída do primeiro para a Rússia. *O Daily News* diz que se notou na dita entrevista a ausência de cordialidade que obrigou a caracterizar outras reuniões entre Lloyd George e a delegação soviética. Lloyd George acusou Kamenef de numerosas faltas à boa fé e diz que ao ter pedido o seu passaporte, este lhe fora entregue e não a ele nem a Rothstein, que foi à Rússia há um mês para persuadir o soviete de Moscou de que fizesse uma paz razoável com os polacos; obtiveram licença de regressar a Inglaterra e que as negociações políticas não se realizariam até que o governo britânico visse que as autoridades de Moscou tivessem abandonado todo o plano de interferência nos assuntos internos da Gran-Bretanha.

As acusações de Lloyd George contra Kamenef foram quatro:

Primeira: que teve interesse na venda em Inglaterra das joias provenientes da família imperial russa.

Segunda: que tratou da questão respeitante à subvenção de 75.000 libras esterlinas a favor do jornal *Daily Herald* de tendência extremamente socialista.

Terceira: que estava relacionado com a organização laborista britânica denominada «Conselho de acção».

Quarta: que quis enganar à vista de todos o governo britânico com as cláusulas do armistício com a Polónia.

Kamenef protestou contra as quatro ditas acusações.

Krassine não participou da censura do primeiro ministro infligida aos seus colegas e disse que as negociações comerciais não ficavam rotas. Resta agora ver se uma metade da missão russa ficará contente ao ver que a outra metade foi expulsa negando-se o seu regresso.

Quanto à acusação de Lloyd George a que se refere o *Daily Herald* há já três semanas que se falou do assunto, ao saber que se haviam interceptado radiogramas entre Tchitcherine e Litvinoff. Fazia-se notar nos ditos radiogramas que os assuntos russos seriam atendidos no dito periódico. *O Daily Herald* protestou com indignação haver recebido 75.000 libras esterlinas das autoridades soviéticas e que as despesas para a edição fossem custeadas pelas ditas autoridades. Resulta que esta importância está na posse da direcção do jornal. *O Daily Herald* convide os seus leitores a que digam se tem que aceitar o dito dinheiro. — *Rádio.*

EM ESPANHA

16 sindicalistas presos e um ferido numa mão

SEVILHA, 15. — Foram presos 16 sindicalistas quando efectuavam uma reunião clandestina. A um deles rebentou-lhe nas mãos uma bomba de dinamite, esfacelando-lha. — *Rádio.*

Continuam as questões sociais

BILBAO, 15. — Continuam as questões sociais, repetindo-se os atentados operários. — *Rádio.*

Morrem dois indivíduos vítimas dum atentado

BARCELONA, 15. — Faleceram dois indivíduos feridos no atentado de ontem na Calle Marques del Duero. — *Rádio.*

EM COIMBRA REALIZA-SE EM OUTUBRO

O I Congresso Nacional da Indústria da Mobiliário

A TERCEIRA E QUARTA TESES

Tese sobre a uniformidade de salários

Camaradas congressistas:

A agitação que lava por todo o or-torráque, prenúncio do despertar uma raça de escravos que vai com-tendendo a fim, a forma ilógica co-través de muitos séculos as socie-dades tem mantido um estado de des-igualdade entre os seres humanos, é de-olde a merecer a atenção daqueles que, desejando a humanidade o máxi-mo grau de perfectibilidade, tem por-ção a ir preparando para essa finali-dade.

Muitas vezes, porém, possuídos dum excessivo puritanismo, deixa-se de aus-turar as massas a preparar e não se aproveitam as suas manifestações psí-quicas, aproveitando o que de útil e contínuo contém e dando cauteloso co-nto ao que se encontre de pernicioso. Assim, a vontade, sem directriz de-clarada, os espólios, sempre sob a pressão trágica e gananciosa dum cas-tiço hoje considerada privilegiada, estas vezes se lançam em movimentos ordenados que, longe de atacarem o al que os afecta, impensadamente põem para o seu desenvolvimento.

Produto da falta de coesão de esfor-ço de uma sã educação que urge-nhar.

O Portugal um dos países, onde, não dum vendaval de egoísmos ao se parece proveniente da conflagra-ção europeia, mais se tem procurado ranciar a minoria produtiva, em tro- de uma pior situação, o máximo es- forço em prol das castas parasitárias; e, em variadas elas são: umas já existiam outrás foram criadas recentemente ante o período anormal resultante guerra.

Assim, o proletariado agilhado ao me-salariado, à parte a luta cotidia-na contra os elementos de trabalho, é- rido a sustentar constante e titânica a contra todos os exploradores: en- tam por um lado o exigente impera- lismo a quem não importa o depau- lamento físico dos seus operários, a fácil substituição quando inutilizados, o rapinante comércio, impedimento a lamentos e a quem não importam minguaos proventos dos consumi- dores.

Mercado uma impavidez e abnegação deca as raças da cobardia, os pro- duz em vez de se aproximarem e consumem inteligência anteporem a manutenção capitalista uma bar- rera forte de organização, estabele- cem entre si das quais só eles saem rendidos e bastas vezes aconte- cem-se perante os governos na ilusão de que estes promovam que a situação melhore.

O Estado, burguês por essência, o obstante os promettimentos que sempre acolhe os que se lhe diri- gem, vai defendendo a casta a que per- tence.

Assim se tem arrastado a engrenagem básica da actual sociedade. Porém, quando já a ferrugem da consue- tudine operária vai correndo essa en- grenagem, que mesmo de per si se vai conjuntando, — pois a nossa ver o- coiza não representam, a desvaloriza- ção monetária, a falta de crédito pa- ra o alimento das populações, resulta- do da falta de braços que produzem, e finalmente o pânico da burguesia, que leva a chamar em sua defesa, tam in- satamente, a parte inconsciente dos que ainda produzem — vislumbra-se a- da substituição por uma outra mais sã e equitativa onde cada produtor tenha garantido seu talher no grande mercado da vida.

Vai coligir esforços, criar novas entidades e organizar convenientemente grande legião do trabalho para poder contar com os seus destinos.

Realizamos o nosso I Congresso pro- pósito, não descrendo do próximo tanto dum nova era de felicidade como, não temos todavia o intuito de uma reunião revista simplesmente carácter reivindicador do futuro, a qual as classes que aqui represen- tam, só após uma transformação or- gânica das sociedades, consigam ver me- lhoradas as suas condições de vida.

Incompatíveis com a actual organiza- ção social, dentro dela e ainda com o de apressar os seus desapareci- mentos, nós, operários dum industria- dor do luxo e conforto, iremos continuamente pugnando por maior pro- greço de bem-estar.

Entendemos, todavia, que a luta que chamamos que travar não será apenas para que consigamos a posse das indús- trias e instrumentos de trabalho das mãos dos seus detentores, e mais ante- riores regalias, pois que, principiando a ganhar o meio em que vivemos, fa- zemos porque acabe uma série de an- onias existentes entre operários da industria, nas quais encontramos umas das causas do seu mal-estar.

Assim, portanto, a conveniência de, não sendo demasiadamente com o es- tado de egoísmo que se manifesta na parte dos proletários, se lhes mi- nua uma educação moral e pro- gressiva que os bem coloque dentro dum nova sociedade e a conveniência de os levar a conseguir algo de ine- dita realização ou pelo menos, man- timento do espírito em constante ebu- llição e boa disposição, facilitar-lhe a educação restante.

Profundando um pouco a ordem psí- quica do assunto que tratamos, ve- mos que o desenvolvimento e apro- rimento das indústrias depende em de parte das condições de vida dos indivíduos.

Conseguir dos operários mais assi- duos ao trabalho, mais dedicados e mais estéticos e melhor satisfação

tripudiem sobre a inércia dos que ficam; ao mesmo tempo, iludindo-se, quando supõem ter encontrado longe situação mais desafogada, concorrem bastas vezes para um mal geral, por uma super-abundância de braços, esteio forte para o estacionamento ou decréscimo de salários.

Além das anomalias citadas, existe ainda o caso de, nas várias localidades, os profissionais das várias especialida- des da indústria, tendo um horário uni- forme, igual situação económica e mui- tas vezes na mesma oficina, auferirem salários diferentes. Consideramos fora de toda a lógica que o marceneiro au- fira maior salário que o polidor, este mais que o entalhador e assim sucessi- vamente.

Também a falta de respeito pelos pro- fissionalismos é um mal a combater, porquanto dessa falta resultam crises de trabalho, evitáveis se todos se des- empenharem unicamente da função a que se destinaram, não invadindo atri- buições cujo resultado é a baixa de sa- lários.

Como uniformizar os sa- lários

Para obstar a que persistam as cau- sas apontadas como concorrentes para a disparidade dos salários é mister que se crie em todos os componentes da indústria um certo grau de consciên- cia que pouco a pouco os arranque da situação assás deprimente em que se

encontram. Essa preparação só por via dum forte organização sindical, e com a existência dum órgão central regula- dor da produção e ipso facto da situa- ção dos operários da indústria, se pode conseguir.

Assim, como meio de uniformizar os salários na indústria do mobiliário te- mos a honra de propor ao Congresso o seguinte:

1.º—Constituída a Federação Nacio- nal da Indústria, ela promova:

a) o respeito de todos os operários da indústria pelo horário de trabalho estabelecido e consequente abolição do trabalho suplementar.

b) a terminação absoluta do género de trabalho—empreitada.

c) a mais rigorosa fiscalização no tra- balho distribuído a menores de forma a que este só seja compatível com as suas aptidões físicas e profissionais.

d) o respeito pelo profissionalismo.

2.º—Dever-se há pugnar por que os salários sejam uniformes para os pro- fissionais das várias especialidades, in- cluindo os operários do sexo feminino, para o que as classes nos seus movimen- tos deverão optar pelo estabelecimento do salário mínimo.

3.º—Todos os organismos procura- rão, desde já, levar a efeito movimen- tos tendentes à aproximação dos sa- lários aos mais altos existentes, obstando à emigração dos operários para outros pontos do país sem prévio acordo com a Federação Nacional da Indústria.

A Comissão Organizadora

Tese sobre a organização industrial

Presados congressistas: — Se os po- vos tivessem feito uma verdadeira aná- lise às consequências que lhes advieram da guerra, desse macabro aconteci- mento que além de ceifar milhões de vidas, de ser o pretexto das mais abjetas medidas governamentais e indus- triais, foi inconscientemente o início dum era da desorganização social, eles teriam tirado como lição que no res- peitante à organização industrial de trabalho ela nunca atingiu o eio que actualmente atravessa e que os colica na iminência de um futuro muito próximo se verem a braços com uma pa- vorosa crise que lhes torna a existência mais difícil.

Nomeadamente, é a nossa indústria, uma daquelas a que a aludida desor- ganização em todos os seus aspectos vai ferindo profundamente os seus com- ponentes, tanto sob o ponto de vista artístico, como moral e económico.

Procurou o industrialismo largos proventos da sua criminosa façanha, em nome dum falsa liberdade e, assim, longe de intensificar a produção a fim de com ela melhor poder abastecer os mercados e pela super-abundância fa- cultar aos menos endinheirados os ar- tigos de que careçam, tornou os ar- tefactos fabricados pelos trabalhado- res da mobília exclusivos daqueles que vivem de ilícitos negócios.

Deste modo poder-se lá concluir que, dado o incremento de novos ricos que ontem encontravam os seus lares des- providos de mobiliário, a indústria fô- se beneficiada ao ponto de melhorar as suas condições gerais.

Mas não. A guerra mercantilista su- cedida da militarista assolou a e len- tamente vem contribuindo para o seu de- finimento.

Outrora notava-se o gosto pela arte, a exclusão de algumas matérias primas, a equitativa distribuição do trabalho, a adopção de novos modelos rivalizando com o estrangeiro, e finalmente o cul- to pela arte e não o desejo de lançar ao mercado móveis só de nome.

Forçoso é confessar que, como deter- minante desta anomalia, o incremento industrial se tem operado apenas pela constituição de dezenas de oficinas, que longe de concorrerem para benefício ge- ral apenas tem beneficiado os inter- mediários entre o produtor e consumi- dor.

Resulta por consequência a neces- sidade dum profunda remodelação pela convergência de esforços dos produ- tores no sentido da expropriação a fim de evitar amanhã que, dada a grave si- tuação cambial, a paralisação da indús- tria lance à fome milhares de trabalha- dores.

Se reconhecemos a gravidade da ho- ra que passa, quando nossos camaradas de além fronteiras produzem as mais belas manifestações no sentido de salvaguardarem a sua situação, cum- pre-nos o dever de não limitarmos a nossa acção a estereos movimentos que mais directamente vão beneficiar os seus usurpadores.

Sendo a base fundamental do progre- so dos povos o trabalho, em Portugal, a despeito de mil e um ociosos acon- ceitarem os outros a trabalhar, ele nunca poderá dar aqueles proveitosos resul- tados por a isso se opor a actual orga- nização social.

Eivado de rotineiros processos, ba- seados nos insaciáveis desejos de cri- sturas a quem está confiada a gestão das indústrias, é hoje apenas se torna fastidioso, insuportável, aborrecido e dado ainda os meios de existência dos produtores.

Da análise que fizemos, concluímos que, amanhã, operada que deve ser a transformação social, carecemos para receber este acontecimento, de uma metódica preparação a fim de prover todas as necessidades de consumo e, presentemente, se não quizermos sucum- bir perante os efeitos catastróficos dum crise, a nossa acção deve ser cana- lizada para a evitar.

O problema de arborização não tem merecido aos governantes o cuidado que tal facto demanda. Em substituição do carvão, como combustível tem sido empregada a lenha, o que tem ocasiona-

do uma forte organização sindical, e com a existência dum órgão central regula- dor da produção e ipso facto da situa- ção dos operários da indústria, se pode conseguir.

Assim, como meio de uniformizar os salários na indústria do mobiliário te- mos a honra de propor ao Congresso o seguinte:

1.º—Constituída a Federação Nacio- nal da Indústria, ela promova:

a) o respeito de todos os operários da indústria pelo horário de trabalho estabelecido e consequente abolição do trabalho suplementar.

b) a terminação absoluta do género de trabalho—empreitada.

c) a mais rigorosa fiscalização no tra- balho distribuído a menores de forma a que este só seja compatível com as suas aptidões físicas e profissionais.

d) o respeito pelo profissionalismo.

2.º—Dever-se há pugnar por que os salários sejam uniformes para os pro- fissionais das várias especialidades, in- cluindo os operários do sexo feminino, para o que as classes nos seus movimen- tos deverão optar pelo estabelecimento do salário mínimo.

3.º—Todos os organismos procura- rão, desde já, levar a efeito movimen- tos tendentes à aproximação dos sa- lários aos mais altos existentes, obstando à emigração dos operários para outros pontos do país sem prévio acordo com a Federação Nacional da Indústria.

A Comissão Organizadora

nado a devastação de milhares de ár- vores, de preciosas madeiras, que ou- trora eram empregadas no fabrico da mobília.

Outras, para satisfação de cosmeinhos interesseados tem sido em larga escala exportadas, restando-nos apenas para o consumo verdes, ou deterioradas, al- gumas já podres, tendo-se ultimamente lançado mão de algumas desconhecidas mas que não substituem as primi- tivas.

Em compensação, as de procedência es- tranjeira se tem empregado, importan- do-se muito conscientemente, o que nos coloca em breje na contingência de não os adquirirmos, embora que por elevado preço, dado o descrédito em que o país está mergulhado.

Como poderá fabricar-se mobiliário que reúna as condições de resistência com semelhantes materiais, que passa- dos dias carecem de restaurar?

Já o foi demonstrado aos dirigentes do país por via da organização mobi- liária de Lisboa.

Existem nas colónias riquíssimas ma- deiras abandonadas que reúnem todas as condições de fabrico, e que, enviadas à metrópole não importam despesa de frete, porquanto viriam como lastro dos navios que tocam naqueles portos.

A utilização destas com as existentes no continente não se permitindo a sua exportação, evitaria deste modo o em- prego das consideradas nocivas e con- correria para a baixa do preço do produto.

Com outras matérias sucede precisa- mente a mesma coisa, a que urge por- cêr.

A procura do produto pelos novos endinheirados tem ocasionado o desdo- bramento de oficinas e fábricas, e— fla- grante contraste!—sendo maior o núme- ro de concorrentes, o preço do produ- to tem-se elevado dum forma espanto- sa, tendo sido apontado como seu fac- tor a alta de salários.

As causas fundamentais do seu enca- recimento consistem em as matérias primas constituírem monopólio de meia dúzia de criaturas que as revendem aos novos industriais por alto preço, e estes para competir com o mercado fatalmente definham a indústria, sendo maior a exploração no respeitante aos seus assa- lariados.

A ausência da maquinaria é um dos factores contribuintes das deficiências da produção.

Convém salientarmos que a máqui- na é considerada como perigosa para mul- tos camaradas por ela ir absorver o trabalho manual e provocar crises pela abundância de braços.

Erro crasso porquanto justifica a di- minuição de horas de trabalho, concorre- para o aperfeiçoamento técnico, pela adopção de novas fórmulas de trabalho onde o operário não esteja sujeito a um regime violento de trabalho, e final- mente para a baixa do preço, podendo assim guarnecer milhares de habitações, hoje desguarnecidas.

Para o atraso profissional em que nos encontramos contribui poderosa- mente a falta de escolas industriais que adestem os operários na sua missão produtiva.

Esta decomposição tende a agravar-se com a constituição do trust industrial, cujo objectivo consiste em monopolizar a indústria.

Compentados um grupo de capita- listas da ineficácia da sua acção em Lis- boia e Pôrto, procuram a satisfação dos seus baixos desígnios nos mais re- conditos pontos do país pela criação de fábricas e oficinas onde a ignóbil exploração se fará sentir, não divergen- do da já existente organização de tra- balho, à parte a introdução de algumas máquinas.

Monopolizadas como querem todas as matérias primas e estendendo a acção por todo o país, depois de provocarem a super-abundância dos produtos, mas que ao mercado faltam, procurarão cer- car todas as regalias alcançadas e su- geitar a regulamentação casermeiros o la- bor das suas fábricas.

Resulta a mesma contrariedade com a agravante da impossibilidade na des- locação.

Assim, dum modo geral os factores contribuintes desta anomalia são:

a) A negligência patronal sob o pon- to de vista técnico e administrativo;

b) A nocividade das matérias primas empregadas e a carência das próprias para consumo;

c) A infidelidade de intermediários e intrusos na gestão industrial;

d) A ausência da mecânica;

e) A falta de escolas profissionais onde ao aprendizado lhe fôsse mini- strada uma educação profissional consor- tante o mister a desempenhar.

Se dúvidas existissem quanto à capa- cidade técnica do industrialismo bastava ter em vista quais os seus fins.

Preocupados seriamente em loucle- par-se com maior soma de proventos arrancados aos que dum trabalho pro- bo vivem, desprovidos das comodida- des a que a existência obriga, só tem em vista o mercantilismo, sem os preo- cupar o gosto pela arte e o respeito pela estética.

Lançados que são ao mercado milha- res de artefactos, quantas vezes não obedecendo às mais rudimentares r- gras da estética, eles são adquiridos por inconcebíveis quantias, que satisfazem a sua mais completa execução. Dir-se há que a parte de leão cabe aos proprie- tários de oficinas?

Não. Mas são estes os principais res- ponsáveis, por serem directamente os nossos exploradores.

As suas responsabilidades vão ao pon- to de, não querendo escutar a revolta que se apoderou do operariado pela insuportável existência, contemporizan- do com as suas necessidades, criando- -lhe estímulo pelo trabalho e gosto pela Arte, procurarem tirar largos proventos do seu esforço para depôr nos co- fres dos intermediários, sem procura- rem desenvolver a indústria que de- via explorar.

Da clarividência dos factos apontados se desprende que só a inconvergência de esforços proletários, na defesa do profissionalismo, se deve esta situação anómala.

Assente que fique pelo Congresso a criação de oficinas sindicais e estabele- cimento do regime comandiário de trabalho, ele vem obviar os males que apontamos, quando essa conquista seja produto do conjunto de energias e não como doação.

Constata-se que as crises são ocasiona- das pela não regulamentação do tra- balho, ao ponto deste ser absorvido num período para faltar o outro.

Neste, os menos providos de conhe- cimentos profissionais, os já cansados pelo excesso físico e os revoltados por se- leccionados, o que os coloca numa situação desumana.

Assim, localidades há que a consti- tuição de oficinas sindicais entregará ao proletariado do mobiliário a posse da produção.

Do regime comandiário de trabalho resultará a regulamentação do mesmo, a supressão da nocividade apontada, devido pugnar-se para que equitativa- mente seja distribuído, optando-se pela diminuição de horas de trabalho.

Visto que nos será confiada a posse da produção num futuro que se avizinha, a essa alta responsabilidade se deve ligar a importância devida, que nos habilite ao seu cabal desempenho.

Consignado que está o princípio da criação de escolas profissionais, elas se deverão instituir urgentemente em to- dos os organismos da indústria.

Ignorando se qual a produção e con- sumo, dever-se há criar em todos os organismos comissões de estatística da produção, necessidades de consumo, funcionamento industrial, matérias em- pregadas, enviando este estudo à Federa- ção para a apreciar e a habilitar ca- balmente.

Considerando que o não aperfeiço- mento técnico parte da maioria das matérias primas não reúne as condi- ções necessárias, a elas se deve opor a boicotagem, divulgando entre o operariado este princípio, para a sua execu- ção.

Trazendo-nos as consequências que prevemos, a constituição do trust indus- trial da mobília, deve a Federação procurar intervir no funcionamento das suas oficinas, e conservar-se vigilante em todos os seus maneios, procurando conhecer por via de comités que se constituam nessas oficinas, as suas con- dições gerais, recorrendo em última instância para a deslocação de operá- rios e para a boicotagem ao seu tra- balho.

Concretizados que estão os nossos pontos de vista sobre as deficiências de produção, e a necessidade dum com- pleta remodelação na sua organização, vai por consequência adestrar-se o operariado da indústria a novas fórmulas de conquista para melhorar a sua situa- ção.

A estas manifestações compete aos militantes inocular-lhes suficiente capa- cidade directiva, purificar-lhes os há- bitos e costumes, criando-lhes uma consciência que nivele a sua acção à responsabilidade que vão assumir.

A atracção que se lhe tem feito para o seu ingresso no sindicato, tem-lhe apenas criado maior sentimento egoísta, só se movendo pelas necessidades ori- ginadas pelo custo da vida, resultando a falta de uma acção homogeneia para as conquistas morais e profissionais.

A hora solene que passa não admite semelhante mutismo, razão porque se deve canalizar todos os esforços para a posse de todos os instrumentos de trabalho, pela antecipada preparação moral de todos os interessados.

Assim, tendo como objectivo bem servir os interesses da organização a que pertencemos, vimos submeter este tra-

balho ao Congresso, a fim de que re- solva sobre as seguintes

Conclusões

1.ª Reconhecida a incapacidade técni- ca e administrativa industrial, incumb- er à Federação Nacional Mobiliária de estudar as condições gerais da produ- ção, lançando mão dela logo que julgue oportuno;

2.ª Advoga a criação de oficinas sin- dicalis em todas as localidades em que se reconheça a sua viabilidade;

3.ª Estabelecimento do regime co- manditário de trabalho em todas as ofi- cinas regulamentando o segundo as con- veniências locais e industriais;

4.ª criação de comités de estatística

sobre produção e consumo em todas as fábricas e oficinas;

5.ª Promover um movimento naci- onal tendente a impedir a exportação de madeiras nacionais, e promover a importação das existentes nas colónias quando as circunstâncias o determina- rem;

6.ª Declarar a boicotagem às mate- rias primas impróprias, ficando os co- mités de fábricas e oficinas com a in- cubência da sua fiscalização;

7.ª Incumbir à Federação de apre- sentar ao futuro Congresso, um completo estudo sobre a introdução e adapta- ção da maquinaria na indústria, e das matérias primas existentes.

A Comissão Organizadora.

Ministério das Finanças

Geral da Fazenda Pública

Repartição de Finanças

Em harmonia com o despacho de S. Ex.ª o Sr. Ministro das Finan- ças, de 6 de Setembro de 1920, anuncia-se que se recebem propos- tas para colocação de capitais em bilhetes do Tesouro, não são os lugares em que habitualmente se faz esse serviço, como sejam a Di- recção Geral da Fazenda Pública, em Lisboa, e as Direcções de Fi- nanças das sedes dos distritos do continente, mas também, e excep- cionalmente, na sede do Banco de Portugal, na Caixa Filial do Pôrto e demais agências do mesmo Banco, nos distritos e nos bancos e banqueiros no final designados, com as seguintes condições:

1.ª As propostas serão feitas em carta fechada e apresentadas em qualquer dos locais citados até 20 do corrente;

2.ª Os bilhetes do Tesouro a que se refere o presente anúncio serão nominativos ou ao portador, pas- sados a seis e doze meses da data, por quantias não inferiores a 1.000\$000, isentos do imposto de selo nos re- cibos e endossos e do imposto de rendimento;

3.ª A taxa de juro dos bilhetes não poderá ser superior a 6 por cento para os de seis meses de prazo e 6 1/4 por cento para os de doze meses, pagando-se os juros adiantadamente e pela totalida- de;

4.ª As propostas cujo invólucro terá bem legível as palavras: «Pro-

postas para tomar bilhetes do Te- souro», deverão designar por ex- tenso a importância dos bilhetes que o proponente se obriga a to- mar, a taxa mínima do juro até o limite fixado na condição 3.ª e a quantidade de bilhetes nominati- vos ou ao portador;

5.ª A abertura das propostas efectuar-se há publicamente na Di- recção Geral da Fazenda Pública, às 14 horas do dia 25 do corrente, e no mesmo dia e hora nas direc- ções de finanças, fazendo-se a adju- dicação com preferência a quem menor juro oferecer, e em igual- dade de juro, para os tomadores de maior importância e maior prazo.

6.ª Serão passados aos propo- nentes recibos pelas importâncias respectivas entradas no Banco de Portugal e nas suas agências, em conta do Tesouro, representativas dos bilhetes tomados, liquidando- -se e pagando-se os juros corres- pondentes.

7.ª Os bilhetes emitidos pela Di- recção Geral da Fazenda Pública com as formalidades legais serão entregues contra a apresentação daqueles recibos nos mesmos locais onde forem passados.

8.ª Será abonada a comissão de 1/2 por cento ao ano aos propo- nentes que se obrigarem a tomar 100.000\$00 ou mais, e a de 1/4 por cento ao ano aos que não atinjam aquela cifra e excedam a de 50.000\$.

Bancos e banqueiros—Lisboa

Banco Auxiliar do Comércio.
Banco Colonial Português.
Banco Comercial de Lisboa.
Banco de Crédito Nacional.
Banco Economia Portuguesa.
Banco Espírito Santo.
Banco Industrial Português.
Banco Internacional de Co- mércio.
Banco Lisboa & Açores.
Banco Nacional Ultramarino.
Banco Português do Brasileiro.
Companhia Geral de Crédito Predial Português.

Crédit Franco-Portuguais.
London & Brazilian Bank Li- mited.
London & River Plate Bank Limited.
Montepio Geral.
Dias, Costa & Costa.
Fonsecas, Santos & Viana.
Henry Burnay & C.ª
José Henriques Tota & C.ª
Nápoles & C.ª
Nunes & Nunes, Limitada.
Pinto & Sotto Mayor.
Sociedade Torlades.

Bancos e banqueiros—Pôrto

Banco Aliança.
Banco Comercial do Pôrto.
London & Brazilian Bank Li- mited.
Banco do Minho.
Banco Popular Português.
Borges & Irmão.

Carlos José da Silva & C.ª
J. M. Fernandes Guimarães & C.ª
Joaquim Pinto Leite, Filho & C.ª
José Augusto Dias, Filho & C.ª
Luís Ferreira Alves & C.ª

Direcção Geral da Fazenda Pública, 6 de Se- ptembro de 1920.—O Director Geral, ALBERTO XAVIER.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizam-se os seguintes funerais: do sr. Alfredo Gabriel Garcia, às 12, da travessa do Livramento, 12; D. Margarida Ferreira Vieira, às 11, da rua Saraiva de Carvalho, 89; do sr. Sebastião José Higinio, às 10, da Mourgo, do sr. Alvaro Zaque, às 17, da rua José Estevo, 129; do sr. Teodomiro Leite Vasconcelos, às 14, no cemitério oriental.

ACHADO

Por um camarada nosso, foi achado um papel da Caixa Geral de Depósitos, pertencente a Hermínia de Sousa, que o poderá procurar nesta redacção.

Equiparação de vencimentos

Realiza-se hoje, pelas 13 horas, no Asilo da Mendicidade, uma reunião dos delegados de todos os estabelecimentos dependentes da Assistência Pública. Estes delegados deverão ir munidos de uma relação nominal dos respectivos empregados com os vencimentos de 1914 e os actuais.

— Os presidentes das comissões ofi- ciais de equiparação estiveram ontem reunidos, a fim de trocarem impressões acerca das bases em que deve assentar a equiparação de vencimentos ao funcio- nalismo público.

170. 6